

## OS SUBSTANTIVOS DEVERBAIS EM PORTUGUÊS

Valter Kehdi  
USP/ABF

O problema dos substantivos deverbais regressivos tem chamado a atenção de estudiosos, com particular destaque para Margarida Basílio, Léa Gamarski, Lúcia Lobato e Alexandra S. Rodrigues.<sup>1</sup>

Em artigo publicado em 1998 (“A derivação regressiva em português”), tivemos a ocasião de discutir alguns tópicos que nos pareciam fundamentais, sem a pretensão de esgotar o assunto. Contudo, a leitura atenta dos textos das autoras acima levou-nos, naturalmente, a rever posições, reafirmar outras e a preencher lacunas; embora, aqui, enfatizemos os deverbais regressivos, não podemos deixar de examinar os sufixais e os de alternância acentual, insistindo nas conexões e diferenças entre eles.

Retomamos o mesmo tema, não com o objetivo de fazer uma resenha minuciosa dos textos mencionados, e sim o de estabelecer um diálogo com as autoras, em função de alguns problemas específicos.

Margarida Basílio distingue derivação regressiva e abreviação, mas inclui na primeira algumas formações regressivas que, a rigor, são diferentes dos deverbais;<sup>2</sup> dá-se o mesmo na obra de Lea Gamarski, ressaltando-se, todavia, que a autora reconhece a necessidade de se caracterizar com maior rigor a derivação regressiva.<sup>3</sup> Lúcia Lobato também não estabelece a diferença; enfoca, em suas considerações, o substantivo *crítica*, que, na verdade, não é regressivo, e sim caso de alternância acentual.<sup>4</sup> O texto de Alexandra S. Rodrigues, de todos o mais recente, insiste na importância da distinção das relações hetero e isocategoriais, o que representa um importante avanço. Não podemos aceitar, contudo, que *metro* (no Brasil, *metrô*) e *comuna* sejam considerados derivados

---

<sup>1</sup> Cf. Bibliografia

<sup>2</sup> *Teoria lexical*, p. 37 e 38

<sup>3</sup> *A derivação regressiva*, p. 42

<sup>4</sup> “A derivação regressiva em português”, p. 206, 215, 216, 218, etc.

regressivos; trata-se, na realidade, de exemplos de abreviação.<sup>5</sup> Essas observações conduzem-nos, naturalmente, à proposta de uma diferenciação mais rigorosa dos diversos casos; o quadro aparentemente homogêneo, em que ressalta o traço de redução do derivado com relação ao derivante, apresenta, também, distinções que devem ser explicitadas.

Antes de passar ao exame dos deverbais em nossa língua, fixemo-nos nas chamadas formações regressivas. Exemplos como *aço* (de *aceiro*) e *sarampo* (de *sarampão*), com eliminação dos supostos sufixos *-eiro* e *-ão*; *legislar* (de *legislador*) – com o argumento de que, se a *trabalhador* e a *lavrador* correspondem os verbos *trabalhar* e *lavar*, a *legislador* deve corresponder *legislar* – e ainda outros casos, já tinham sido contemplados por Meyer-Lübke sob a rubrica de “formations régressives”<sup>6</sup> e retomados por muitos de nossos gramáticos. Note-se, nesses casos, que se elimina, no derivante, sufixo real ou suposto; acresça-se que pode ocorrer ou não a mudança de classe gramatical, relativamente ao derivado. Entretanto, o que convém ressaltar é que essas formações regressivas só o são do ponto de vista diacrônico; sincronicamente, cumpre reconhecer que é a forma mais curta que se torna o ponto de partida. Conclui-se, portanto, que as formações regressivas constituem um capítulo da morfologia histórica, opondo-se, assim, aos deverbais regressivos e às abreviações, que ilustram processos atuantes (ou não exclusivamente diacrônicos).

Quanto à abreviação (termo que preferimos substituir por *redução*), consiste no encurtamento do vocábulo, segundo critérios variados; não implica mudança de classe gramatical e a forma resultante não se distingue semanticamente da base, a não ser em termos de mudanças de registro. Trata-se de um processo em expansão, muito vivo na linguagem moderna.

Podem-se reconhecer, no quadro das reduções, quatro grupos.

Num primeiro, constituído por prefixos empregados isoladamente, desacompanhados do radical a que normalmente se anexam, assinalem-se *bi*, *extra*, *pré* e outros.

Outro grupo é representado pelos compostos de radicais gregos ou latinos, com a freqüente omissão do elemento determinado: *foto* (por *fotografia*), *micro* (por *microcomputador*), etc.

Um terceiro grupo é formado pelos casos de cortes aleatórios nos vocábulos derivantes: *cerva* (por *cerveja*), *cinemal*/*cine* (por *cinematógrafo*), *granfo* (por *granfino*). Note-se que o segmento eliminado não tem caráter morfemático.

<sup>5</sup> *A construção de postverbais em português*, p. 71.

<sup>6</sup> *Gramm. des l. rom.* ( t. II ), § 355.

Ressalte-se, contudo, que, nesses exemplos, é possível perceber algumas regularidades quanto ao número de sílabas (geralmente dissílabos) e à acentuação (normalmente paroxítonos).

As siglas, cada vez mais numerosas na atualidade, constituem um quarto grupo; diferentemente dos demais blocos, resultam da redução de todos os componentes da expressão derivante. Sirvam-nos de exemplo: *ONU* (Organização das Nações Unidas), *PT* (Partido dos Trabalhadores), Algumas delas possibilitam a formação de derivados, como *petismo*, *petista* (de *PT*).

Passemos a examinar os diferentes tipos de substantivos deverbais, que correspondem à preocupação central deste artigo.

Com relação aos chamados deverbais regressivos, em nosso artigo acima mencionado, tínhamos assinalado que F. Diez já os relacionava com as formas rizotônicas do presente do indicativo, o que fica evidente nas línguas em que essas formas apresentam ditongação: *consuelo* (subst.) / *consolar* (v.), em espanhol; *soutien* (subst.) / *soutenir* (v.), em francês.<sup>7</sup> Não é, atualmente, processo muito vivo, apesar de exemplos como *o agito*, *o chego*, *o sufoco*, *o vacilo*, pelo menos no português do Brasil. Dada a (má) tradição, em nossa gramatografia, de vinculá-los ao infinitivo, é louvável que Alexandra S. Rodrigues enfatize, no processo em questão, a importância do radical verbal.<sup>8</sup>

Estamos também de acordo com a autora no que se refere à impropriedade da designação “derivação regressiva”, só cabível se aceitarmos o infinitivo como forma derivante. Todavia, não nos parece satisfatória a proposta do termo “pós-verbais” – que, aliás, é o utilizado por Meyer-Lübke –, pois, como sinônimo de “deverbais”, engloba todos os processos de formação de substantivos deverbais. Preferimos manter o rótulo de “deverbais regressivos”, considerando que, nas línguas românicas, o verbo é designado pelo infinitivo e, com relação a este, o deverbal apresenta-se mais curto (o que não implica que se pense em derivação). Na verdade, trata-se de um problema menor, meramente terminológico, visto que o fenômeno a que se refere a designação é o mesmo e está sendo enfocado de ponto de vista semelhante.

No que se refere ao estatuto das vogais átonas *-o*, *-a*, *-e*, atribuíamos-lhes o papel de vogais temáticas nominais.<sup>9</sup> Seguimos a lição de J. Mattoso Câmara Jr., que, sensível ao paralelismo desses deverbais com substantivos básicos

<sup>7</sup> *Gramm. des l. rom.* (t. II), p. 268. A posição de F. Diez é mantida por M.-Lübke, A. Darmesteter, G. Paris e Y. Malkiel, entre outros.

<sup>8</sup> *op. cit.*, p. 58-60

<sup>9</sup> *art. cit.*, p. 208.

(como *disc-o*, *cart-a*, *dent-e*) e levado pela preocupação com a economia descritiva, via, nessas terminações, vogais temáticas. cremos, entretanto, que é posição a ser revista. Influenciado pelo modelo descritivo do item e arranjo (IA), o autor reconhece uma função única para essas vogais finais e postula um sufixo Ø para os deverbais regressivos. Parece-nos, contudo, mais plausível considerar que essas vogais são morfemas cumulativos, ou seja, trata-se, na verdade, de vogais temáticas nominais a que se acrescenta a função de morfemas transcategorizadores, sem necessidade, portanto, de apelar para um sufixo Ø. Saliente-se que as vogais temáticas verbais também podem, em certos contextos, acumular outras funções; em *amÁvamos*, o morfema em destaque é mera vogal temática, o que não ocorre em *amA*, onde *-a* acumula as funções de indicativo, presente e 3.<sup>a</sup> pessoa do singular. A segmentação *am-+A-+Ø+Ø*, por paralelismo com *am-Á-va-mos*, só é aceitável na perspectiva do IA. Todas essas considerações levam-nos a rever o estatuto das vogais temáticas, problema complexo que merece um estudo à parte.

Note-se ainda que as terminações vocálicas dos deverbais estão associadas a gênero de forma estável: os em *-o* são sempre masculinos; em *-a*, femininos; em *-e*, masculinos;<sup>10</sup> comparem-se, no quadro dos substantivos básicos, exemplos como: *a trib-o*, *o map-a*, *o problem-a*, etc. Nos deverbais, são comuns os casos de permuta da vogal final: *o gritola grita*, *o decalquelo decalco*, o que não ocorre (talvez excepcionalmente) nos substantivos básicos. Acresça-se que, nos deverbais, é freqüente a alternância das vogais finais com sufixos tônicos: *duralduração*, *desarmeldesarmamento*.

B. Darbord e B. Pottier apontam exemplos curiosos em que o gênero de um verbal específico se projeta em seus sinônimos; assim, o espanhol *batalla* influenciará os gêneros de *lucha*, *contienda*, *riña*, *pelea*, *querella* (o que é confirmado pelas datações correspondentes<sup>11</sup>). No francês medieval eram numerosos os deverbais masculinos; em períodos posteriores, os femininos passam a ser preponderantes. A explicação do fato é que o *-e* feminino protegia o radical dos desgastes fonéticos que este poderia sofrer quando terminava em consoante. Os dois exemplos ilustram bem o importante papel do gênero na formação desses deverbais.

Observe-se, também, que não são predizíveis os morfemas *-o*, *-a*, e *-e*. Não acreditamos, porém, que não se possa tentar uma sistematização; nos deverbais provenientes de verbos parassintéticos a vogal final geralmente é *-e*, e não coincide com a da base, como se pode notar pelos exemplos *embarque* (de

<sup>10</sup> Veja-se a estatística apresentada por Alexandra S. Rodrigues à p. 144 de *A construção de posiverbais...*

<sup>11</sup> Cf. *La langue espagnole*, p.100.

*embarcar*), *ajuste* (de *ajustar*). Em espanhol, *-e* tende a generalizar-se numa proporção maior do que ocorre em português.

É também importante assinalar que, no período medieval, eram numerosos os casos de permuta da átona final: *combato/combate*, *deleito/deleite*. O fato ainda ocorre no português atual: *desmancho/desmanche*, *decalco/decalque*. Há alguns pares em que se podem perceber diferenças semânticas: *o grito / a grita*, *o troco/a troca*, em que a forma masculina se associa a algo mais concreto, enquanto que a feminina expressa a noção de atividade. Como se pode perceber, são veios de pesquisa instigantes e promissores.

Não nos deteremos muito nas considerações relativas aos deverbais sufixais, formados pelo acréscimo de sufixos como *-mento*, *-ção*, *-dura*, etc., ao radical/ tema verbal. Observe-se, todavia, que morfemas como *-mento* e *-ção*, de grande produtividade, ainda não mereceram um estudo que revelasse as restrições de distribuição ou, nos casos de dupla possibilidade, como *coroação/ coroamento*, a determinação dos critérios de estabelecimento da diferenciação semântica.

Especial atenção cabe aos deverbais marcados por alternância acentual com relação à forma verbal correspondente. Em virtude do deslocamento de acento nos verbos compostos, no latim vulgar, e da queda de consoantes intervocálicas gerando contrações das vogais, as formas rizotônicas do presente do indicativo tornaram-se paroxítonas em português (bem como em espanhol); essa alteração de acento atingiu também os verbos eruditos de introdução posterior. Por outro lado, os substantivos correspondentes a esses verbos eruditos permaneceram proparoxítonos. Estabeleceu-se, dessa forma, um novo tipo de deverbais, caracterizados pela alternância acentual com relação ao verbo: *dúvida* (v.) / *dúvida* (subst.). Aqui, só cabe estabelecer uma relação V/N, sem especificação de direcionalidade, pois não são raros os casos em que o substantivo antecede o verbo; p. ex., em português, *fábrica* (séc. XIV) é primitivo com relação a *fabricar* (séc. XVI).

Em função dos exemplos seguintes, em que assinalamos, entre parênteses, a datação do vocábulo: *calcular* (XVI)/*cálculo* (XVII); *duvidar* (XIII)/*dúvida* (XIII); *replicar* (XV)/*réplica* (XVI); *suplicar* (XIV), *súplica* (XVI), constatamos que se trata de fenômeno relativamente recente; a manutenção de *-i-* e *-u-* breves confirma o caráter de cultismos.

Em função desses esclarecimentos, não deve surpreender-nos a tendência a tornar *rubrica* um nome proparoxítono; o deslocamento de acento, neste caso, está de acordo com a característica de um grupo que vem conhecendo relativa expansão. As mesmas considerações são válidas para o par *retifica* (v.) / *retífica* (subst.), sem necessidade de ver em *retífica* um italianismo.

Saliente-se, por fim, que os diferentes tipos de deverbais apresentados não constituem compartimentos estanques. Ocorrem, em nossa língua, numerosos paralelismos como *consolo / consolação, réplica / replicação*; alguns participios passados, em virtude da haplologia passam a fazer parte, numa perspectiva sincrônica, dos deverbais regressivos: *perda* (de *perdita*) e *venda* (de *vendida*).

Os pontos aqui desenvolvidos não cobrem todos os aspectos das obras mencionadas no início, nem correspondem ao que elas têm de mais relevante. O processo da nominalização, associado aos deverbais, e de capital importância, apresenta-se no quadro da gramática gerativa nas obras das três autoras; não só contribui para elucidar aspectos que aqui não foram abordados, como também para esclarecer o problema da seqüenciação de complementos nominais em uma frase do tipo: “a compra de apartamentos pelos funcionários foi interrompida” (L. Gamarski, p.107), fato não suficientemente estudado em sintaxe.

Nosso objetivo foi apenas o de procurar esclarecer conceitos básicos, com freqüência confundidos (o que pode levar a desvios na pesquisa), sem deixarmos, também, de indicar veios exploráveis para futuras investigações.

## Bibliografia

- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo, Ática, 1987
- DARBORD, Bernard & POTTIER, Bernard. *La langue e spagnole. Eléments de grammaire historique*. Paris, Nathan, 1988.
- DIEZ, F. *Grammaire des langues romanes* (traduit par A. Morel - Fatio et G.Paris). Paris, A. Franck, 1874 (t.II).
- GAMARSKI, Léa. *A derivação regressiva. Um estudo da produtividade léxica em português*. Goiânia, CEGRAF/UFG, 1988.
- KEHDI, Valter. “A derivação regressiva em português”. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, 2:205-13, Humanitas, 1998.
- LOBATO, Lúcia. “A derivação regressiva em português: conceituação e tratamento gerativo”. In: *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha* (org. e coord. Cilene da Cunha Pereira e Paulo Roberto Dias Pereira). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, p.205-30.
- MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes. Morphologie*. (trad. franç. par A.Doutrepoint et G. Doutrepoint). Paris, G.E. Stechert, 1923
- RODRIGUES, Alexandra Soares. *A construção de postverbais em português*. Porto, Granito, 2001.